

**MONGINHO, JULIETA. OS FILHOS DE K. LISBOA,  
TEODOLITO, 2015, 261P.**

TERESA MARTINS MARQUES\*

*Os Filhos de K.* de Julieta Monginho é um romance de grande riqueza imaginística, semântica e lexical com forte pendor irónico, revelando uma cultura literária expressa na intertextualidade com vultos canónicos da literatura ocidental, sob forma alusiva, citacional ou referencial. Construído em *crossover* com a obra de Kafka, particularmente *O processo*, com o qual mantém permanente interacção, ostenta no título o grafismo do “K” da assinatura do escritor, que sugere a imagem de um cão. Lembrem-se as últimas frases d’*O processo*, referidas à forma como foi morto Josef K.: “Como um cão! – disse. Era como se a vergonha devesse sobreviver-lhe.”<sup>2</sup> Recorde-se também o *incipit* do conto “Investigações de um cão: “Como a minha vida mudou, e no entanto como se manteve imutável no fundo!”<sup>3</sup> Este parágrafo ajusta-se a Carminho, principal personagem feminina do romance de Monginho, a qual procura o olhar do cão das ruínas de Pompeia, no momento em que ele é visto por Francisco, no Museu do Prado, em irónica duplicação das fugas deste personagem.

O entrecho ficcional de *Os Filhos de K* apoia-se em três narradores que vão comentando pontos de vista expendidos pelos

---

\* Doutora pela Universidade de Lisboa. Investigadora do CLEPUL – Universidade de Lisboa

2 Franz Kafka, *O Processo*. Tradução de Gervásio Álvaro, Lisboa, Edição Livros do Brasil, p.236

3 Franz Kafka, “Investigações de um cão». Tradução de Frederico Montenegro, in *Três novelistas contemporâneos - Kafka, Beckett, Musil*, Lisboa, Editorial Presença, 1966, p.39.

restantes. São eles Carminho, magistrada exercendo funções num tribunal de Lisboa; Francisco, um ex-magistrado que desertou da carreira e se passeia pelo mundo deixando uma prole verdadeiramente fora do comum, cujo segredo o leitor descobrirá no final do romance; Carlito um jovem escritor a quem Carminho pede um final feliz na narrativa da sua vida. O romance totaliza oitenta e cinco trechos, sendo trinta e três assinados por Carminho, trinta e um por Francisco e vinte e um por Carlito, que sabe muito sobre os outros, mas bastante menos de si próprio.

São muitos os ecos de Kafka na obra. O nome da personagem Feliciano evoca Felice Bauer, sua noiva. Carminho leva a vida a invejar Milena Jesenská, que surge na primeira epígrafe, sob forma de carta, duplicando a situação de *presença-ausência* dos protagonistas do romance de Monginho, ao qual nem sequer falta o retrato de Francisco, assemelhado ao de Kafka.

A intertextualidade com *O processo* vai muito para além do procedimento citacional de tradução do primeiro parágrafo deste romance: “Alguém devia ter caluniado Josef K., visto que uma manhã o prenderam, embora ele não tivesse feito qualquer mal”. Este parágrafo, traduzido nas várias línguas das amantes a quem Francisco / Franz deixa *O processo*, em gesto metonímico, quando parte, transforma o romance de Kafka em elemento diegético do romance de J. Monginho. O próprio Kafka comparece também sob forma de narrativa *en mîse en abîme*: subvertendo as categorias de autor e de personagem, Carlito, autor de *Narciso e Narciso*, vai escrever uma epistolar história de amor entre a avó de Carminho, apaixonada por Franz Kafka, com quem supostamente se cruzara em Berlim, sabendo o leitor que tudo isso não passa de invenção de Carminho e de Carlito. Deparamo-nos com parágrafos de ordem ensaística, comentando o romance de Kafka, expandindo sentidos de hibridismo textual, alargando a riqueza de registos deste grande romance de busca do Graal da literatura.

A magistrada Carminho viaja pelo mundo à procura de um homem que se diverte a fugir dela e lhe vai guiando os passos através de cartas enviadas dos mais diversos pontos do globo, fazendo-a encontrar as suas amantes. Carminho interpreta as cartas como pistas, que na realidade o são, mas não para o

que Carminho imagina. Os seus obstinados passos foram dar à Croácia, à Irlanda, naturalmente a Sandycove, na esteira de Joyce, mas também à Itália, à Grécia, ao deserto do Namibe, por onde este trota-mundos deixara onze filhos, mais tarde o leitor saberá que são doze, espalhados por estes países e ainda por Espanha, Bélgica e Alemanha. Carminho faz uma busca interior, como diz a autora em entrevista recente<sup>1</sup>, mas essa é uma busca de Sísifo carregando as malas às costas, de país em país, atrás do amado, mas porque não o encontra, será também como o sedento Tântalo, que se aproxima da água e esta sempre lhe fugirá. Quando finalmente o encontra, nada se passa como imaginou:

As cartas que te escrevi, não te esqueças, rasga-as em pedacinhos. Nem eu sou o Visconde de Valmont, nem tu és Cécile nem vice-versa. A Feliciano muito menos Merteuil. Nem o Carlito é Lacos, os séculos mudam.” (Monginho, 2015, p.241).

Durante 30 anos, Carminho idealizou obsessivamente Francisco, seu colega de faculdade e de profissão, a quem mudou o nome para Franz, como efeito de leitura d’*O processo*. J. Monginho constrói Carminho como se fora irremediavelmente apaixonada por Francisco/Franz, mas na realidade idealizando uma paixão impossível, erotizada pela distância física, insistindo em procurar a sombra, à maneira de Jacques Brel – “*l’ombre de ton ombre*” / “*l’ombre de ton chien*” –, em que ela mesma se transformou. Vendo com lupa deformante o seu processo pessoal, Carminho sabe, contudo, em eco de Kafka, que “ a verdade não se pode ocultar nem exhibir. Onde ela está, um labirinto cercará os nossos passos, um fio se esboroará, incapaz de resistir à ira do tempo” (Monginho, 2015, p.108). A verdade que ela mesma procura na sua vida sentimental não passa de ficção auto-construída, como queda infinita numa escada ou como queda e expulsão de um paraíso perdido e apenas reencontrado no final do romance por um processo transferencial, tomando como filho um Chiquinho, filho de outra mulher e do seu Franz. Josepk K. é mais crédulo

---

1 Julieta Monginho, «A Escrita alivia-me da hostilidade do mundo» - entrevista conduzida por Manuel Halpern, in *Jornal de Letras Artes e Ideias*, nº 1165, de 27 de Maio a 9 de Junho de 2015, pp.8-9.

do que Francisco e não conseguiu, ao contrário deste, subtrair-se às garras da Justiça. Carminho diz-nos que o livro *déclencheur* da paixão já não é o mesmo que lera trinta anos antes, mesmo se Joseph K. nele continua a ser preso no seu trigésimo aniversário, mesmo se durante um ano continua com um processo às costas, sem conhecer a culpa que lhe atribuem.

Francisco / Franz não despertou numa manhã, como Gregor Samsa, depois de um sono intranquilo convertido em insecto. É de outra ordem a sua metamorfose. Francisco cometeu um erro colocando a cruzinha no lugar errado de um documento judicial. Por esse erro vai errar pelo mundo, desistindo da carreira do contrato social e transformando-se no bom selvagem, por descrença de fundo no sistema: “A verdade altera a ordem de grandezas, o sino repica e ela mora mais alto ainda e não há escada que lhe chegue” (Monginho, 2015, p. 108).

Muita água correu no domínio da Justiça e da injustiça em Portugal desde o *Tratado da forma de libelos*, publicado em 1558, que se considera o primeiro tratado jurídico em português, assinado por Gregório Martins Caminha. Muita água correu também desde *Juízo perfeito* (1996), primeiro romance de Julieta Monginho, focalizando a Justiça, onde lemos que “os juízes são pessoas com falta de imaginação que não perdoam a imaginação dos outros” (Monginho, 1996, p. 120). Num depoimento lido em Braga, em 11 de Março de 1997, Julieta declarou pretender, naquele romance de estreia, “lançar dúvidas, algumas insanáveis, [...] pôr em causa ideias feitas sobre a realidade tal como costuma ser apresentada, provocar um desequilíbrio e levá-lo até ao fim”. Este desiderato mantém-se n’*Os Filhos de K*. A propósito da visita de Carlito à casa da Justiça, Julieta não se coíbe de fazer uma crítica certa, mostrando por dentro uma realidade que o leitor está habituado a ver e a comentar de fora, nomeadamente as deficientes condições de trabalho e a sua morosidade:

Nós carregamos o processo, divido em fascículos pesados como tijolos. Olha a minha colega ali, olha como vem sem fôlego, abraçando os volumes. Cinco, parece-me daqui. Ou seis, tudo ao colo dela, milhares de páginas a demandar o seu abraço. Quanto tempo pensas que tanta folha demora a ler? E a decifrar? Imagina darem-te o prazo de cinco dias para

leres o *Guerra e Paz* e escreveres sobre o livro. (Monginho, 2015, p. 105)

É esta a justiça vestida de breu e tragédia, a garganta infectada de ácaros. Para espanto de Carlitos, os magistrados não escolhem os processos e lêem, soterrados, o que lhes colocam à frente:

A nós cabe sentarmo-nos. Miudinhos entre pilhas de processos. As pilhas devastam-nos, derrubam-nos, derrotam-nos. Escrevinhamos e pomos-las de lado. No dia seguinte voltam a aparecer no mesmo sítio, devoram-nos outra vez. O nosso dia é renovado apenas para nos deixarmos conduzir ao sacrifício diário. Eis o mistério da contrafé. Para nós o processo é muito simples: acordamos presos e somos executados à noitinha. (Monginho, 2015, p.106)

Simbolicamente executados como Josef K., mesmo se a justiça do romance de Julieta não é absurda, arbitrária, influenciável e corrupta como a d'*O processo*. No funcionário Fonseca d' *Os Filhos de K* encontramos mais um eco da parábola do porteiro que o padre capelão da prisão conta a Josef K.:

Em frente da Lei está um porteiro: um homem que vem do campo acerca-se dele e pede-lhe que o deixe entrar na Lei. O porteiro porém responde que nesse momento não pode deixá-lo entrar. " (Monginho, 2015, p. 222)

O homem do campo passou a vida toda à porta da Lei e todavia essa porta era apenas destinada para ele entrar. Há os que sabem forçar a ocasião e há os que apenas esperam. Demasiada esperança no futuro pode ser fuga ao presente, como Carminho não sabia.

N' *Os filhos de K* o grande símbolo de pluralidade e entrelaçamento, de paternidade e de fratria não é da ordem do humano, mas do vegetal, transgressão, desejo e frutificação como a *welwitschia mirabilis*, a planta do deserto do Namibe, de grandes folhas como braços que prendem o leitor ao texto para finalmente lhe descobrir o segredo. Deste paraíso de areia só Carminho será por si mesma expulsa, julgando-se salva. Ao nível da memória intertextual, *Os filhos de K*. constituem uma sinfonia de múltiplas

vozes. A técnica do monólogo interior, simulando o diálogo, é um processo narrativo frequente neste romance, e permite fazer a junção do registo escrito ensaístico e do registo oral. Veja-se este exemplo, por Carminho:

Apesar disso, meu magnífico Franz, parece-me que tiveste tanto trabalho a esconder o desejo que o anulaste. Onde está o meu desejo terás gritado, quando deste por isso. Tarde de mais. Esfumara-se, inebriado com a tua lucidez, com vergonha do teu controlo sobre o imprevisto. O desejo, essência do Homem (Espinosa), única força motriz (Aristóteles), porta para o infinito (André Compté-Sponville), achou conforto no meu modo desastrado de viver, ficou-se por aqui, na companhia da estranheza perante a crueldade. (Monginho, 2015, p. 26)

Carlos Drummond de Andrade, de que é exemplo a pedra no caminho serve de comparação com as dificuldades causadas pela Magalhoa, ou seja, pela Prof<sup>a</sup> Isabel Magalhães Colaço, assim designada na gíria estudantil. Lemos, na mesma página, referências a Nuno Bragança e à sua *Directa*, à poesia de Agostinho Neto, mas também a Camões aludido em “Arder é amor que cai e não se lê / é sangue que chove e não semente”, na referência ao desastre de Camarate, do qual parte o romance, temporalmente situado a 5 de Dezembro de 1980. Realidade e ficção fundem-se neste romance que tão bem retrata os anos 80: “Distinguir ficção e realidade é coisa própria dos burocratas do destino” (Monginho, 2015, p. 66) e assim encontramos em eco proustiano os rapazes em flor, Jacinto, Francisco, Galão, nomeados junto de Santana Lopes, “imitação menor de Sá Carneiro na Faculdade e no país” (Monginho, 2015, p. 23). Céline terá direito ao epíteto de “energúmeno genial”, coexistindo, na mesma página, com Luiz Pacheco, Jorge Luiz Borges e o camarada-mor Tung, em processo irónico de desnomeação, reduzindo-o à onomástica onomatopeia. Também Apollinaire convive com a Guida do *Fragil*, Margarida Martins, segurança do bar.

A ironia deste processo cenográfico, com figuras do mundo real, torna-se visível na frase de Francisco: “Distinguir a literatura da vidinha, esse sim, um bom princípio que eu jamais consegui praticar.” (Monginho, 2015, p. 26) A ironia da autora manifesta-

se na contaminação entre o popular e o culto, como pode ver-se na inesperada associação fónica entre o filme *Música no coração* e Musil no coração (Monginho, 2015, p. 26) retomado cinco páginas adiante, pelo avesso do famoso título *O homem sem qualidades*: “O Jacintinho. Muito mais esperto do que eu. Eu pensava, ele agia. O diabo esfregava um olho, ele executava. Eles sim, homens cheios de qualidades” (Monginho, 2015, p. 31).

Uma outra subtil alusão a Camões encontramos-na na voz de Carminho: “Sombras mais sombras, noite na noite. Pouca gente para reparar na minha alma penada, pobre perdigão.” (Monginho, 2015, p. 79) ou ainda “e fique eu cá na terra” (Monginho, 2015, p. 106). Em jogo irónico com o leitor, recomenda-se: “Não completes a frase citadora, se há coisa enjoativa é essa de recordar palavra de sábio antepassado” (Monginho, 2015, p. 106). Fernando Pessoa e os dois principais heterónimos são convocados em registo irónico e oralizante, desmistificando a sacralidade que o cânone literário lhes atribui:

Ó Caaaampos ! Tás a ouvir? Onde é que meteste o Caeiro que anda práqui uma manada de moscas a querer entrar numa poesia. Pu-e-si-a, Campos, e tu deixas? Ele é que guarda rebanhos e tu é que és o Campos? *Chapeau*, parabéns pelo achado (Monginho, 2015, p. 38)

Páginas adiante, surgirá novamente Campos, acompanhado pelo semi-heterónimo Bernardo Soares, na Rua dos Douradores e ambos irão a banhos pela mão de Carminho:

Bernardo Soares passou, e eu disse para o Jacinto, olha o Bernardo Soares. Depois fui de férias e levei-o comigo para a tenda de campismo na Foz do Arelho. O ar salgado carcomia as páginas. lam-se desprendendo uma a uma. Ficavam assim, soltas, à mercê de outra organização, um puzzle diferente, com aquelas possibilidades infinitas que eram a minha vida aos vinte e poucos anos (Monginho, 2015, p.61).

Este excerto é bem revelador da pluralidade de sentidos: se as páginas soltas do texto metaforizam as possibilidades combinatórias do futuro da personagem, elas aludem também à recombinação das várias edições d’ *O livro do desassossego*, que

deixam desassossegados os editores críticos pessoanos.

Deveras curioso é o intertexto de Baudelaire a partir do poema “Enivrez-vous” (Monginho, 2015, p. 61), inserto em *Les petits poèmes en prose*, onde lemos: “*Mais de quoi? De vin, de poésie, ou de vertu à votre guise, mais énvrez-vous*” e que na versão de J. Monginho foi alterado para “*Enivrez-vous, de vin, d’amour, ou de douleur à votre guise, et priez dieu que tous soyez absous*” (Monginho, 2015, p. 61). A poesia e a virtude são agora substituídas pelo amor e pela dor, pedindo a absolvição, numa dupla significação no campo semântico confessional, que tanto pode ser religioso como profano, na esfera da sentença tribunalícia.

Muito interessante é ainda um outro contexto de citação do autor de *Les fleurs du mal*, a partir do poema “Bénédiction”, no qual Baudelaire nos dá um dos mais belos retratos desse duplo e antagônico destino de ser poeta:

Lorsque, par un décret des puissances suprêmes,  
Le Poète apparaît en ce monde ennuyé,  
sa mère épouvantée et pleine de blasphèmes  
*Crispe ses poings vers Dieu, qui la prend, en pitié.*

J. Monginho insere o intertexto numa página (Monginho, 2015, p.188) dominada pela figura materna, criando um novo registo, sem sombra de angústia, ao contrário de Baudelaire, no qual a mãe do poeta conhece o seu destino trágico e glorioso. A flor do mal será a metáfora da própria poesia e do fazer da literatura – maldição e bênção.

O intertexto com *Don Quijote de la Mancha* é feito sob o signo da ironia e do humor, pela voz do escritor Carlito, simulando o engenhoso fidalgo em companhia de Carminho, sendo esta um Sancho Pança feminino: “Os prédios gigantes brincam aos moinhos de vento. Nós tentamos entrar na brincadeira, eu como Dom Quixote, ela como Sancho Pança” (Monginho, 2015, p. 75). Das asas das moscas que não foram arrancadas, surge uma citação de Garrett extraída do conhecido poema d’ *As folhas caídas* “Eu tinha umas asas brancas “, sendo Francisco transformado em anjo negro. Na realidade a sedução é uma curiosa forma de



dominação do anjo negro Francisco sobre Carminho, a mulher que não se cansa de o perder.